

UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS PARA A JUVENTUDE NO SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS (SCFV)

Risocleide Aparecida Maria da Silva

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste
Email: risocleideasilva@gmail.com

Resumo: O presente estudo é fruto de uma pesquisa realizada em um espaço não formal de educação, mais especificamente no Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos (SCFV) localizado na cidade de Vertentes-PE. Tal espaço visa o atendimento socioassistencial e socioeducativo para diferentes grupos da sociedade, entre eles estão os/as jovens, que se configuram como foco do nosso trabalho. Essa pesquisa é de natureza qualitativa e buscou estudar as práticas educativas desenvolvidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a juventude. Para tanto, utilizamos a observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas informais e registros de campo. Os grupos escolhidos para o estabelecimento de um diálogo e/ou observação para fins desta pesquisa foram os seguintes: jovens; orientadores sociais e; gestores. Os dados demonstraram que entre as principais práticas educativas desenvolvidas pelo SCFV estão: dinâmicas que levam os jovens a refletirem sobre seu lugar no mundo e sobre o respeito ao próximo; brincadeiras que os levam a se expressar na sociedade e; atividades que ao final apresentam reflexões sobre os direitos e deveres da juventude.

Palavras-chave: Práticas educativas, Juventude, SCFV.

Introdução

Essa pesquisa surgiu a partir de uma experiência vivida em uma organização não formal de educação, com foco no trabalho com os jovens. O tema da juventude se firmou como elemento central desse estudo, pois assim como afirma Andrade e Bemfica (2006) “Os desafios no reconhecimento dos direitos dos jovens são muitos”. (p.5). Esses desafios aumentam ainda mais, quando focalizamos o olhar nas juventudes de classes econômicas mais baixas, cujo, são aquelas que mais sofrem com as problemáticas da violação dos seus direitos enquanto cidadãos.

Felizmente, existem algumas organizações que pensando nessas desigualdades sociais, atuam no sentido de minimizá-las, oferecendo aos jovens, especialmente para aqueles mais carentes, apoio na superação de tais dificuldades. Dentre tais organizações, focaremos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Essa, que visa o apoio socioassistencial e socioeducativo para os diferentes grupos etários da sociedade, entre eles os jovens. Contribuindo para que os mesmos entre outras formações possam ter acesso aos seus direitos básicos de cidadania.

Buscando privilegiar nessa pesquisa a dimensão educativa presente nesse espaço. Apresentamos como problema de pesquisa: Quais as principais práticas educativas voltadas para a formação da juventude desenvolvidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos?. Tendo como objetivo geral: Estudar as práticas educativas desenvolvidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a juventude. E como específicos: Descrever as principais práticas educativas voltadas para a juventude no SCFV; Caracterizar as condições sociais em que vivem muitos jovens na atualidade.

Esse trabalho discute inicialmente sobre as práticas educativas do SCFV, logo após, sobre as condições sociais em que vivem muitos jovens na atualidade. A base do pensamento teórico dessa pesquisa é Libâneo (2002) e Brandão (1995), que nos aponta os diferentes espaços que a educação ocorre. Além desses, Luís Antonio Gruppo (2000), Paulo César Rodrigues Carrano (2003) e Gaudêncio Frigotto (2004), discorrem sobre o conceito de juventude.

Principais práticas educativas desenvolvidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a Juventude

Segundo Libâneo (2002) o campo educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas educativas. (p.33). Neste sentido, a educação não se dá apenas em ambientes formais, como na escola, mas em diversos contextos como em Movimentos sociais, ONGs, Serviços de assistência entre outros espaços.

Seguindo a mesma lógica, Brandão (1995) destaca que não há uma forma única nem um único modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor. (p.9). Acreditamos na perspectiva do autor, ao passo que várias organizações não escolares vêm desenvolvendo práticas educativas para os jovens e apresentando excelentes resultados na formação humana dos mesmos.

Particularmente em relação aos grupos juvenis de convivência, Baquero e Hammes (2006) partem da hipótese de que estes grupos, organizados em sistemas horizontais de participação, propiciam aprendizados que favorecem o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas, relações de confiança e de entre ajuda, com efeitos para além do grupo. (p.26). Entre as organizações não formais que trabalham com jovens com foco na

convivência, nosso estudo voltou-se para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

Segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social de Aventureiro-MG (2017):

O Serviço de Convivência e fortalecimento de Vínculos (SCFV) é resultante do reordenamento disposto da resolução CIT nº 01, de 21 de Fevereiro de 2013, que unificou os Programas de Erradicação do Trabalho Juvenil, Programa Projovem Adolescentes e Programa de atendimento em Grupos para Pessoa Idosa. Trata-se de um Serviço socioassistencial e socioeducativo, em que se propõe prestar apoio efetivo prestado à família, através da inclusão em programas de transferência de renda e na rede de serviços para acessar os direitos básicos de cidadania. (p.4).

É um Serviço, portanto, que desde sua criação vêm prestando apoio as pessoas de diferentes faixas etárias, no entanto, focalizamos esse estudo em seu trabalho com os jovens. Para esse grupo em especial, o Serviço visa questões como: “complementar as ações das famílias; assegurar espaços de referência para o convívio grupal, comunitário e social e o desenvolvimento de relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo; possibilitar a ampliação do universo informacional, artístico e cultural dos jovens [...]”. (SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DA CIDADE DE AVENTUREIRO-MG, 2017, p. 8/9).

Ainda segundo a mesma fonte, o SCFV pretende estimular a participação na vida pública do território e desenvolver competências para a compreensão crítica da realidade e do mundo contemporâneo, possibilitando o reconhecimento do trabalho e da educação como direito de cidadania e contribuindo para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional. Neste sentido, percebe-se que essa organização apresenta inúmeros objetivos relevantes para a juventude. Assim, Santos, Carlos e Bastos (2016) apontam quem os são usuáries do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) no grupo jovem:

Adolescentes e jovens pertencentes às famílias beneficiárias de programas de transferência de renda; Adolescentes e Jovens egressos de medidas socioeducativas de internação ou em cumprimento de outras medidas socioeducativas em meio aberto; aqueles do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil e egressos ou vinculados a programas de combate à violência e ao abuso e à exploração sexual; Jovens com deficiência, em especial beneficiários do BPC¹; jovens fora da escola. (p. 13)

¹ Benefício de Proteção Continuada.

Destacamos quem são os usuários desse serviço, para ilustrar com mais propriedade, para quem as práticas educativas desenvolvidas nesses espaços são destinadas. Segundo Santos, Carlos e Bastos (2016, p.15) as práticas educativas desenvolvidas pelo SCFV são: as expressões artísticas, as atividades voltadas ao esporte, à cultura, o aprendizado das tecnologias digitais, trabalhos lúdicos e artesanais. Todas elas visam contribuir para a formação da juventude da comunidade que atende.

Condições Sociais em que vivem muitos jovens na atualidade

A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. (GRUPPO, 2000, p.8). Na mesma perspectiva Carrano (2003), afirma que na sociedade contemporânea de fato, ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas uma maneira de definição cultural. Assim, é uma fase da vida que não se trata apenas de limites etários, biologicamente determinados, mas de representações simbólicas e situações sociais que têm formas e conteúdos próprios.

Segundo Gruppo (2000), Cláudia B. Rezende sugere o uso sociólogo no plural do termo juventude, para que possamos dar conta da diversidade na vivência desta fase de transição à maturidade, ou de socialização secundária, denominada “juventude” (p.15). Portanto, o melhor termo a ser utilizado seria juventudes, considerando que não existe apenas uma forma de ser jovem. Definida no plural, se leva em conta as diferenças presentes em cada recorte sociocultural: classe social, etnia, religião, gênero, universo urbano ou rural, entre outros.

As implicações de classes, por exemplo, são muito fortes na construção do jovem. Como nos recorda Gruppo (2000), assim como a infância, a experiência da juventude foi vivida, primeiro pelas classes burguesas e aristocratas, para só depois atingir as classes populares e tornar-se um direito também dos filhos dos trabalhadores. Porém, mesmo sendo direito de todas as classes sociais, há uma grande diferença de vivência entre elas. Enquanto os jovens das camadas populares precisam ingressar cada vez mais cedo no mercado de trabalho, muitas vezes deixando a escola e ocupando cargos mais subalternos. Os jovens de classes econômicas mais favorecidas passam mais tempo se preparando para o emprego e acabam ocupando cargos de mais destaque e melhor remuneração.

Além da questão de classe, outro fator que diferencia as juventudes é a localidade, no caso do jovem urbano e do campo, por exemplo. Em um levantamento realizado por Frigotto (2004), foi apontando que a maior parte dos jovens, filhos de trabalhadores estão

concentrados na cidade, em bairros populares e periféricos. Ao apontarmos a juventude urbana, nos concentramos nos filhos dos trabalhadores, esses que tendem a sofrer com mais força muitos dos dilemas que vivem diversas cidades brasileiras: o tráfico de drogas; a criminalidade; a violência. Quando se trata dos jovens do campo, as oportunidades não encontradas no seu lugar de origem, como alguns níveis de escolaridade e emprego são os grandes dilemas, que como é apontado no estudo de Frigotto (2004), faz muitos deles migrarem para a cidade.

Outra diferença que pontuamos, é a de gênero. Nota-se que mesmo quando se trata de sujeitos da mesma classe social, da mesma cidade ou campo, há uma disparidade de vivência entre meninos e meninas. Gruppo (2000) aponta que diversos estudos descreveram as dificuldades, em geral, de as adolescentes experimentarem todas as prerrogativas dadas aos adolescentes. Concordamos com esse apontamento, pois, apesar do movimento feminista ter conseguido diversos ganhos nesses últimos tempos, vivemos numa sociedade machista que desde muito cedo encurrala as meninas em uma lógica, de que não têm os mesmos direitos que os meninos. Diante todas essas prerrogativas apontadas sobre as diferentes juventudes, segue na próxima sessão a metodologia dessa pesquisa.

Metodologia

Esse estudo é de natureza qualitativa. A escolha por essa abordagem de pesquisa se deu pelo fato de se querer compreender o fenômeno educativo de maneira mais ampla e subjetiva, onde a pesquisa quantitativa não poderia responder a tal anseio. Dessa maneira, Moreira e Caleffe (2008) apontam que “[...] a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente”. (p.73). Neste sentido, ao escolhermos tal abordagem de pesquisa para o nosso estudo, buscamos estabelecer relação entre o observado no campo e a teoria já existente, aproximando a dicotomia entre teoria e prática.

Essa pesquisa é do tipo exploratória e explicativa. Segundo Moreira e Caleffe (2008) as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno. (p.69). Exploratória no sentido que foi realizada em uma organização não formal de educação, espaço esse, que tivemos os primeiros contatos, então precisamos o explorar. É também do tipo explicativa, essa “[...] tem como preocupação central identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.”. (MOREIRA; CALEFFE 2008, p. 70).

Está delimitada ao estudo das experiências educativas dos jovens em organizações não formais de educação, mais especificamente no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), localizado na cidade de Vertentes-PE. A escolha por este espaço se deu em primeiro lugar pela sua trajetória de apoio a comunidade como um todo e em segundo, pelo desenvolvimento de projetos sociais e educativos que atendem a juventude.

Os sujeitos da pesquisa foram três grupos participantes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Os grupos escolhidos para o estabelecimento de um diálogo e/ou observação para fins desta pesquisa foram os seguintes: Jovens do projeto; Orientadores sociais; Gestores.

Sendo o principal foco do estudo, o contato e a interlocução com os grupos citados acima, para a coleta de dados utilizamos a observação participante, a entrevista semiestruturada e a conversa informal. A última, portanto, se dá através dos diálogos com os sujeitos da pesquisa que surgem ao longo das idas a campo. A observação participante se deu no contato direto entre pesquisador e sujeitos participantes da pesquisa e as entrevistas foram gravadas e logo após, transcritas, com a devida permissão por escrito dos entrevistados.

A observação participante segundo Neto (2008) “[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos autores sociais em seus próprios contextos.” (p.59). Neste sentido, ao estabelecer contato direto com o ambiente pesquisado, ao mesmo tempo em que o pesquisador pode modificar o contexto, pode por ele ser modificado.

A entrevista por sua vez, segundo Neto (2008) é o procedimento mais usual no trabalho de campo, pelo qual os pesquisadores buscam informações contidas nas falas dos autores sociais. Elas em geral podem ser estruturadas ou não estruturadas, sendo a primeira quando as perguntas são previamente formuladas e a segunda, quando os informantes abordam livremente o tema proposto. Existe ainda, no entanto, uma terceira forma de entrevista, a semiestruturada, que é na verdade a junção entre as duas acima citadas. (p.58).

Como forma de registrar os dados coletados, utilizamos o diário de campo. Lugar, onde foram anotadas as observações, as entrevistas, os diálogos, enfim, as vivências e as percepções. Para fins desta investigação utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo, essa que segundo Franco (2008), apresenta um significado pessoal e objetivado, que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas.

Resultados e discussão

Os sujeitos da pesquisa foram os (as) gestores, orientadores sociais (as) e os (as) jovens. Foram realizadas entrevistas com um representante de cada um desses setores, correspondendo então a três sujeitos. Na organização pesquisada percebemos a partir das falas dos sujeitos que há um entendimento diferenciado sobre o conceito de juventude, mas que as respostas das três entrevistadas se complementam de alguma forma.

Principais práticas educativas desenvolvidas pelo SCFV

As práticas educativas desenvolvidas no lócus de investigação são muitas, durante as observações podemos perceber que a maioria das atividades propostas apresentaram ao final uma reflexão. Quando foi perguntado para orientadora social quais eram as práticas educativas trabalhadas com os jovens, a mesma respondeu:

Então quando eu cheguei aqui eu fiquei um pouco perdida porque eu não sabia bem o que era pra fazer aqui. Mas depois eu fui me encaixando, tipo... não é pra escrever com eles nada, é preciso que eles saiam um pouco dessa ideia de escola. Então tem brincadeiras, artesanatos que a gente tem que fazer com eles, tem aula de música que no momento de uma banda marcial aqui e a gente formou um grupo pra ficar a frente da banda que a gente chama de corpo coreográfico. Então é... tem também ensinamentos de comportamentos na sociedade entendeu? Tem jovens que chegam falando muito alto, sem respeitar os espaços que se encontram, tipo... a educação de casa não é dada, muitos vivem em situação de vulnerabilidade social então a gente tenta ajudar aqui. Mas é isso, é artesanato, a gente fala sobre a vida, a gente fala sobre preconceito, a gente fala sobre dificuldades que eles tem em casa, que eles tem em casa com o pai e com a mãe, então esse espaço é pra isso entendeu?. (ORIENTADORA SOCIAL, extrato do diário de campo do dia 08/11/2017).

Em sua fala a orientadora trouxe vários elementos, primeiro ela apontou que o foco das atividades vivenciadas com os jovens precisam sair da ideia de escola. Nesse momento ela expressa que lá não é para eles escreverem nada. Ela continua dizendo que as atividades propostas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos são: brincadeiras, artesanatos, música, dança, ensinamentos comportamentais, discussão sobre a vida, sobre preconceito e sobre as dificuldades que eles têm em casa.

Seguindo a mesma perspectiva, mas em outras palavras, quando foi perguntado a coordenadora sobre quais as atividades que eram desenvolvidas no espaço ela respondeu: “Aqui no Serviço de Convivência e fortalecimento de vínculos, trabalhamos com cultura, lazer e esporte, com dinâmica, danças, atividades sócio educativas, trazendo sempre a melhor maneira de convivência na sociedade.” (COORDENADORA, extrato do diário de campo do

dia 08/11/2017). Além dos elementos já apontados pela orientadora, a coordenadora trás um novo elemento, afirmando que o SCFV busca trazer para a juventude os melhores exemplos de conviver bem em sociedade.

Foi perguntado também para uma jovem a mesma pergunta e ela respondeu: “A gente faz pinturas, artesanato é... dança, tem dança também agora. Deixa eu ver mais alguma coisa... e brincadeiras.” (JOVEM, extrato do diário de campo do dia 21/11/2017). A resposta da jovem também seguiu o apontado pelas entrevistadas anteriores e se aproxima do expresso pela Secretaria de Assistência Social de Aventureiro-MG (2017). A mesma expressa que as práticas educativas desenvolvidas pelo SCFV para a juventude, são focadas no convívio grupal, onde são desenvolvidas atividades voltadas para a ampliação do universo informacional, artístico e cultural dos jovens, bem como para estimular o desenvolvimento de potencialidades, habilidades, talentos e propiciar sua formação cidadã.

Condições sociais da juventude na atualidade

O conceito de juventude apresenta muitas variáveis, neste tópico buscamos sistematizar o conceito presente nas falas dos sujeitos durante as observações em campo e durante a entrevista realizada com cada um deles. No dia a dia do grupo, algumas frases sistematizaram bem, o que eles entendem por ser jovem. É o caso de uma fala da orientadora social quando a mesma expressou: “vocês são jovens gente, se animem, se alegrem e não se lamentem” (Extrato do diário de campo do dia 04/09/2017). Ela relacionada assim, a juventude com animação e alegria. Discurso não muito diferente do que ela responde na entrevista.

Quando foi perguntado a mesma, que é a pessoa que acompanha os jovens durante os encontros o que ela entendia sobre o conceito de juventude, assim ela respondeu:

Bom, na minha opinião é... o que eu entendo por juventude em primeira mão é ter responsabilidade. Eu acho que mesmo sendo jovem a gente tem que aprender a ter responsabilidade, é... a fazer as coisas certas porque nós somos crianças e quando chegamos na juventude precisamos saber que... Em primeiro de tudo ter responsabilidade, crescemos sabendo né, que ser jovem não é fácil. Os jovens de hoje é difícil trabalhar, tanto aqui, como em outros lugares eu já trabalhei com jovens que quer te encarar, é difícil, ele quer te enfrentar, certas coisas que você impõe pra eles fazerem, então assim não é fácil trabalhar com jovem, eu acho até difícil falar pra você o que é ser jovem, eu acho que jovem é divertimento, é alegria, entendesse? Jovem é tentar aprender, é tentar respeitar as pessoas pra poder ser respeitado. Eu acho que é isso. (ORIENTADORA SOCIAL, extrato do diário de campo do dia 08/11/2017)

Muitos elementos se expressam nessa resposta, ela insiste que ser jovem é alegria e divertimento, mas ela adiciona outras variáveis ao conceito. A orientadora social relaciona a juventude com o termo responsabilidade, defendendo ela que o jovem precisa aprender ser responsável nessa fase. Ainda discorre sobre as dificuldades em trabalhar com esse público, porque alguns querem a enfrentar. Nesse momento ela sentiu a necessidade de destacar essa dificuldade e pode ter a ver com uma fala da coordenadora quando a mesma aponta: “muitos dos jovens que chegam aqui, chegam agressivos, por causa da criação de casa mesmo, da vida né, então é todo um processo de aprendizagem para tirar essa agressividade deles”. (COORDENADORA, extrato do diário de campo do dia 04/09/2017).

No final de sua resposta, a orientadora complementa dizendo que ser jovem é está num processo constante de aprendizagem, indo em encontro com a fala da coordenadora quando ela diz que muitos jovens chegam agressivos, mas existe um processo de aprendizagem que tira deles essa agressividade. Em outra perspectiva, durante a entrevista, a coordenadora do campo pesquisado discorre sobre o conceito que ela atribui à juventude. Ela então aponta: “Pra mim, a juventude vem de cada pessoa, independentemente de idade, ou seja está dentro de cada ser humano.”(COORDENADORA, extrato do diário de campo do dia 08/11/2017). Assim, para ela o conceito de juventude afasta-se dos limites etários de idade, biologicamente determinados.

A pergunta sobre o que é juventude, também foi feita para uma jovem participante do grupo e ela respondeu: “Pra mim a gente precisa aproveitar a juventude, porque é uma fase da vida que a gente tá adquirindo experiência, a gente ainda não tem experiência, mas a gente ainda tá adquirindo.” (JOVEM, extrato do diário de campo do dia 21/11/2017). Para essa jovem, portanto, a juventude é uma fase da vida, em que o ser humano está no processo de adquirir experiência, ou seja, para ela, o jovem ainda não é experiente e é preciso aproveitar essa fase para buscar ser.

Para Gruppo (2000), “a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais [...] (GRUPPO, 2000, p.8). Na mesma perspectiva Carrano (2003), afirma que na sociedade contemporânea de fato, ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas uma maneira de definição cultural. Assim, a partir das falas dos sujeitos da pesquisa e dos teóricos, podemos entender por juventude, uma representação simbólica criada por grupos sociais, que independe de limites etários biologicamente determinados. Sendo essa, uma fase da vida em que as pessoas estão adquirindo experiência, ao mesmo tempo em que vivem um contínuo processo de aprendizagem.

Conclusão

Retomando a pergunta que deu origem a nossa pesquisa: Quais as principais práticas educativas voltadas para a formação da juventude desenvolvidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)? Para respondermos temos que discorrer sobre alguns aspectos. Em relação ao conceito que os sujeitos do campo atribuem à juventude, as definições são bem variadas. No que diz respeito às condições sociais em que vivem muitos jovens na atualidade, foi percebido que a maior parte daqueles atendidos pelo local pesquisado apresenta um quadro de vulnerabilidade social.

Em contrapartida a organização pesquisada atua no sentido de minimizá-lo, oferecendo práticas educativas diferenciadas e diversas, entre elas podemos destacar: brincadeiras, artesanatos, música, dança, ensinamentos comportamentais, discussão sobre a vida, sobre preconceito e sobre as dificuldades que muitos jovens têm em casa.

Sendo assim, ao realizar tal estudo percebeu-se que as principais práticas educativas voltadas para a formação cidadã da juventude, desenvolvidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) são: dinâmicas que levam os jovens a refletirem sobre seu lugar no mundo e sobre o respeito ao próximo; brincadeiras que tem o foco de fazê-los perder a vergonha, para que assim, possam se expressar e participar das discussões sociais e; atividades que ao final apresentam reflexões sobre os direitos e deveres da juventude.

Referências

ANDRADE, José Eduardo de. BEMFICA, Valério da Costa. **Desenvolvimento Integral: educação, trabalho, cultura e tecnologia da informação**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude. Fundação Friedrich Ebert, 2006.

BAQUERO, Rute. HAMMES, Lúcio Jorge. **Juventude, grupos e participação social**. Revistas Ciências Sociais em perspectiva, 2006.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. .

FRANCO, Maria Laura P.B. **Análise de conteúdo**. 3. E.d. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

FRIGOTO, Gaudêncio. **Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas**. In: NOVAIS, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

GRUPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000..

LIBÂNEO, José C. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (Org.). Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002. p. 59-97.

MOREIRA, Herivelto. CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, R.; NETO, Otávio cruz. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTOS, Ana Claudia Soares dos. CARLOS, Gisele Ghedin. BASTOS, Maria de Lourdes da Silva Leite. **A voz dos adolescentes**: Estudo de caso no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no CRAS do bairro Jaqueline no Município de Içara-SC. 2016. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/Artigo-Ana-Claudia-Soares-dos-Santos.pdf>. Acesso em: 11/10/2017.

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DA CIDADE DE AVENTUREIRO-MG. **Planejamento das atividades sócio assistenciais do Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos**. Abril de 2017. Disponível em: <http://www.pmsaa.mg.gov.br/social/cras.pdf>. Acesso em: 05/11/2017.